

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS E LETRAS DE RIBEIRÃO PRETO
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA E EDUCAÇÃO
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

GABRIELA CAMPOS DARAHEM

Resgatando a Memória do Centro de Investigações Sobre Desenvolvimento Humano e
Educação Infantil (CINDEDI-USP):
suas contribuições para a formação e a Educação Infantil no Brasil



Ribeirão Preto
2006

GABRIELA CAMPOS DARAHEM

Resgatando a Memória do Centro de Investigações Sobre Desenvolvimento Humano e
Educação Infantil (CINDEDI-USP):
suas contribuições para a formação e a Educação Infantil no Brasil

Monografia de Conclusão do Curso de
Pedagogia, apresentada ao Departamento de
Psicologia e Educação da Faculdade de
Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão
Preto- USP.

Orientadora: Prof. Dra. Ana Paula Soares da Silva

Ribeirão Preto
2006

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Ficha Catalográfica elaborada pela Biblioteca Central Campus USP – Ribeirão Preto

Darahem, Gabriela Campos.

Resgatando a Memória do Centro de Investigações Sobre Desenvolvimento Humano e Educação Infantil (CINDEDI-USP): suas contribuições para a formação e a Educação Infantil no Brasil, 2006.

p. : il.; 30 cm

Monografia de Trabalho de Conclusão de Curso apresentada à Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto/USP, Área de Concentração: Educação Infantil/Psicologia do Desenvolvimento.

Orientadora: Ana Paula Soares da Silva

1. 2. 3. 4.

Gabriela Campos Darahem

Resgatando a Memória do Centro de Investigações Sobre Desenvolvimento Humano e Educação Infantil (CINDEDI-USP): suas contribuições para a formação e a Educação Infantil no Brasil

Monografia de Conclusão do Curso de
Pedagogia, apresentada ao Departamento de
Psicologia e Educação da Faculdade de
Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão
Preto- USP.

Aprovada em:

Banca Examinadora

Profa Dra. _____

Instituição: _____ Assinatura: _____

Profa. Dra. _____

Instituição: _____ Assinatura: _____

Profa. Dra. _____

Instituição: _____ Assinatura: _____

Para
a primeira educadora com quem tive contato,
a pessoa que mais admirei,
uma pessoa que me ensinou muito,
e que, de alguma maneira,
foi a inspiração
para a escolha de minha carreira:
minha querida avó Maria Lúcia.

ÍNDICE

1. Introdução.....	
1.1 Objetivos.....	
1.2 Metodologia.....	
2. Um pouco de História.....	
2.1 A história da coordenadora do grupo	
2.2 O contexto de surgimento do grupo	
3. O trabalho.....	
3.1 Projetos Temáticos.....	
3.2 Encontros.....	
4. Configuração atual do grupo.....	
4.1 Colaboradores.....	
5. Considerações Finais.....	
6. Referências Bibliográficas.....	
Anexos.....	

1. INTRODUÇÃO:

Esta monografia foi desenvolvida como requisito para conclusão do curso de Pedagogia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto (FFCLRP), USP. A pesquisa realizada para tal apresenta um pouco da história do Centro de Investigação Sobre Desenvolvimento Humano e Educação Infantil, mais conhecido como CINDEDI, vinculado à FFCLRP-USP.

Uma pesquisa sobre a história do CINDEDI justifica-se pelo fato de que o grupo, ao mesmo tempo em que é resultado dos movimentos de constituição da educação infantil no Brasil, também contribuiu e continua a contribuir para o desenvolvimento da área e para as transformações que ocorreram ao longo das últimas décadas na legislação e nas práticas dedicadas às crianças de 0 a 6 anos de idade criança em espaços coletivos de educação/cuidado. Dito de outra forma, a história do grupo, ao mesmo tempo em que acompanha a história recente da Educação Infantil no país, também é co-construtora dessa história. O CINDEDI constitui-se assim parte importante da história de educação infantil no Brasil e em muitos sentidos confunde-se com essa história

Atuando há cerca de 30 anos, embora exista oficialmente há apenas 16 anos, com importantes pesquisas na área de Educação Infantil e Desenvolvimento Humano, o CINDEDI é um grupo que tem seu trabalho reconhecido em todo país, bem como fora dele: além de estar presente no Diretório dos Grupos de Pesquisa do Brasil, do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), o CINDEDI também está presente em um documento da UNESCO de 1996, o “Directorio de organizaciones de atención y educación para la primera infancia en América Latina y el Caribe” (Diretório de organizações de cuidado e educação para a primeira infância na América Latina e no Caribe)¹.

¹ Este documento da UNESCO apresenta uma listagem de instituições, estruturas e grupos que trabalham com educação infantil em todos os países da América Latina e do Caribe, e diz em seu prefácio que a intenção desse diretório é facilitar a relação entre instituições e pessoas que trabalham com educação infantil. Afirma que é preciso realizar esforços concentrados para assegurar à infância boas condições de desenvolvimento, ou, nas palavras do documento, um bom começo de vida (UNESCO, 1996, p.5).

As pesquisas e ações do CINDEDI junto às instituições de educação infantil produziram conhecimento que se somaram àqueles de outros centros de pesquisa, favorecendo a construção de materiais e de um novo discurso acerca do atendimento à criança em creche. Dessa forma, recuperar a história do CINDEDI significa fazer, também uma pequena revisão da própria história da educação infantil a partir das décadas de 70 e 80 até os dias atuais.

A história do atendimento integral à criança pequena, em particular a proveniente de camadas populares, data de muitos anos atrás, embora seja recente sua inclusão no âmbito da educação. De acordo com Kuhlmann Jr., a

expressão *educação infantil* foi adotada recentemente em nosso país, consagrada nas disposições expressas na Constituição de 1988, assim como na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, de 1996, para caracterizar as instituições educacionais pré-escolares, abarcando o atendimento dos 0 aos 6 anos de idade (Kuhlmann Jr., 1998, p.7).

Tal fato fez com que as creches ficassem, por muito tempo, vinculadas “aos órgãos governamentais de serviço social e não aos do sistema educacional”, o que também acarretou na “ausência desse tema nas pesquisas educacionais e nos cursos de pedagogia” (Kuhlmann Jr., 1998, p. 182). O atendimento das crianças em creche era um tema tratado na pesquisa principalmente pelas áreas da assistência social e da psicologia.

Havia uma diferença grande entre as instituições creche e as instituições pré-escolares, pautadas no modelo dos jardins de infância. As primeiras eram dedicadas às crianças de famílias de baixa renda. Via-se nessas instituições um lugar onde as crianças poderiam ser cuidadas no período em que a família não podia cumprir seu papel educador. Essas instituições eram ligadas a órgãos assistenciais ou filantrópicos, e, conseqüentemente a educação dentro dessas instituições também era de cunho assistencialista. A expressão “mal necessário” é muito utilizada para se falar das creches **nessa época**.

As instituições pré-escolares, por sua vez, eram destinadas às classes mais endinheiradas, e baseavam-se no modelo do jardim de infância, por isso eram ligadas ao

sistema educacional. Ao contrário das creches, as pré-escolas eram vinculadas a órgãos **particulares** de educação. Assim, o atendimento das crianças em pré-escolas era um tema tratado pela área da pedagogia, também.

O modelo de jardim de infância das pré-escolas, **daquela** época, é herança do modelo desenvolvido pelo filósofo alemão Friederich Froebel. Ele fundou o primeiro jardim de infância no ano de 1840, que era destinado às crianças com menos de 6 anos. Esse tipo de instituição teve origem em meados do século XIX, quando a ascensão do regime capitalista promoveu uma grande mudança na organização da família: “a infância que anteriormente não passava de uma loteria entre a vida e a morte, agora se torna o centro da família, descobre-se que a criança tem necessidades e interesses próprios que devem ser respeitados” (Arce, 2002, p. 56). Foi dado o nome de jardim de infância a essas instituições, pois Froebel queria transmitir a idéia de que o papel delas era o de cuidar, guiar e orientar as crianças que as freqüentassem.

Encontramos nas idéias e concepções de educação infantil, infância e criança de Froebel, marcas de uma mudança de concepção de criança, de uma preocupação maior com essa pessoa que já não era mais considerada um adulto em miniatura, e sim um sujeito com necessidades próprias e particularidades, que vinha desde o romântico Rousseau, que acreditava que a infância era a melhor fase para educar alguém, já que mais tarde a sociedade seria responsável por corromper o indivíduo.

Apesar de a preocupação com a educação (e não só com o cuidado) ser mais explícita embora de maneira tímida ainda, nas instituições pré-escolares, **ambos** os tipos de instituições em meados da década de 70, carregavam uma característica dos jardins de infância propostos por Froebel **(A REDAÇÃO DESSA FRASE ESTÁ CONFUSA)**. Atualmente, embora muitos esforços sejam feitos para que essa característica não faça mais parte das instituições de educação infantil, é um elemento que perdura e ainda é encontrado em muitas delas. Trata-se

da idéia de Froebel de que a mulher é uma educadora nata, afirmando que a mulher-mãe possuía todas as qualidades necessárias de uma educadora.

O fato de Froebel acreditar que já fazia parte da natureza da mulher o “dom” de educar, e que, por isso, “a formação das jardineiras deveria se dar na prática, pois as mulheres eram naturalmente dotadas de todos os pré-requisitos necessários para a realização da educação segundo seus princípios” (idem, p.70), fez com que a profissão de educador de educação infantil fosse desvalorizada por muito tempo, tornando difícil até os dias de hoje a tarefa de mudar esse quadro. Além disso, deve-se a isso o fato de o número de homens trabalhando na educação infantil ser ínfimo em relação ao número de mulheres. A profissão de educador de creche é, por isso, cercada, até hoje, de muito preconceito e desvalorização. No entanto, têm sido feitos muitos esforços para que os educadores de creche sejam mais valorizados e tenham uma formação adequada para trabalhar com crianças em instituições.

Também a psicologia como um todo e a psicologia do desenvolvimento em particular contribuíram para a produção de um discurso que entendia a creche como um mal necessário, sendo o seu modelo caracterizado como substitutivo materno. Esse discurso só começou a ser questionado na década de 80, com estudos sobre interação criança-criança e sobre o desenvolvimento em contextos diversos do familiar. Algumas pesquisas foram desenvolvidas também por membros do CINDEDI; elas questionavam os discursos hegemônicos de que o desenvolvimento saudável da criança só é possível no âmbito de uma família e sob os cuidados principalmente da figura materna (CITAR REFERÊNCIA).

Dentro desse contexto, a contribuição do CINDEDI para a construção de uma nova trajetória na educação infantil é muito grande e contribuições foram dadas no sentido de se pensar as creches e pré-escolas como espaços de promoção do desenvolvimento da criança. Entre as temáticas estudadas, podemos citar: a importância do arranjo espacial em creche (Campos-de-Carvalho e Rossetti-Ferreira, 1993; Campos-de-Carvalho, Meneghini e

Mingorance, 1996; Campos-de-Carvalho, 1998), adaptação de bebês e da família à creche (Vitória e Rossetti-Ferreira, 1993; Rossetti-Ferreira, Amorim, e Vitória, 1996; Amorim e Rossetti-Ferreira, 2004), a importância da brincadeira (Pedrosa e Carvalho, 1995; Oliveira, 1996), a interação entre as crianças (Carvalho e Beraldo, 1989; Oliveira e Rossetti-Ferreira, 1993; Amorim e Rossetti-Ferreira, 2004) e a formação de educadores (Oliveira e Rossetti-Ferreira, 1993; Oliveira, 1993; Bezerra, 2005). Estes e outros aspectos da educação da criança pequena eram estudados pelos membros do grupo que, em sua maioria, tinham uma formação, experiência, ou pós-graduação na área de psicologia do desenvolvimento.

Esses estudos foram possibilitando a consolidação de um conhecimento que questionava a visão predominante da educação infantil. No início da década de 90, pesquisadores do CINDEDI afirmavam:

felizmente está se tornando uma questão de consenso o fato de que não basta um atendimento que garanta apenas assistência e/ou custódia. Espera-se hoje que essa instituição seja capaz de desenvolver um trabalho educativo junto às crianças e de compartilhá-lo com a família (Vitória e Rossetti-Ferreira, 1993, p.56)

Essa concepção das instituições das creches como espaços de educação e desenvolvimento da criança é o resultado da conjunção de uma série de fatores, além da pesquisa na área. Pode-se destacar o movimento de luta por creches, as implicações causadas com a expansão do atendimento ocorrida a partir da década de 70 e as transformações no entendimento do papel da criança em nossa sociedade.

Em relação a esse último aspecto, nos anos 80, com a intensificação dos movimentos sociais assim como a construção de um novo paradigma no atendimento à criança, crianças são inseridas no mundo dos direitos humanos. As preocupações com os direitos da criança começam a aparecer nessa época e surge um novo olhar para a infância, concebendo toda criança como portadora, mais precisamente, como sujeito de direitos. Junto com o reconhecimento da criança como um sujeito de direitos, surgem, também, duas novas áreas de

pesquisa que podem contribuir com isso. Trata-se da sociologia da infância e da cultura da infância.

O número de pesquisas nessa área vem crescendo cada vez mais e são muito importantes para a consolidação da imagem da criança como um sujeito de direitos e como agente do presente, não mais um devir a ser. Novos discursos foram construídos no sentido de conceber a criança com suas necessidades no aqui e agora, como capaz de produzir história e ser co-construtora, junto com os adultos, da cultura da sociedade, além de uma cultura própria da infância. Estes são, portanto, dois campos de pesquisa em ascensão que levam em consideração o fato de que “a criança não se constitui no amanhã: ela é hoje, no seu presente, um ser que participa da construção da história do seu tempo. Ela possui um saber que precisa ser levado em conta. Sua compreensão do cotidiano enriquece a cultura do mundo adulto” (Jobim e Souza 2000).

Essa concepção de infância, cunhada nos movimentos sociais e na pesquisa, vem desafiando as instituições de educação infantil a não apenas cumprir sua função social de auxílio à família trabalhadora, mas, sobretudo a se constituir como espaço de promoção do desenvolvimento da criança.

Esse movimento de lutas por direitos das crianças é acompanhado pelo grupo do CINDEDI que, junto com militantes, profissionais e outros pesquisadores de todo país contribuiu para que, em 1996, as creches e pré-escolas fossem legalmente incorporadas à educação, por meio da Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB, Lei Federal ??????). O envolvimento de grupos como esse com a questão das políticas públicas para educação infantil nos últimos anos tem sido de extrema importância. Anteriormente, eles foram responsáveis, também, juntamente com outros segmentos organizados e movimentos da sociedade, para a “passagem” da educação infantil do “campo” da assistência para o da educação no artigo 208 do texto da Constituição Federal de 1988.

A contribuição do CINDEDI para a consolidação de uma área denominada educação infantil no país está assim para além da pesquisa. O CINDEDI esteve presente, no cenário da Educação Infantil dos últimos anos, de variadas formas: no âmbito teórico, desenvolvendo pesquisas e publicando diversos tipos de materiais; no âmbito prático, nas creches, auxiliando na formação de profissionais da educação, em discussões que decidiriam os rumos das novas políticas públicas para a infância e sua educação.

Pode-se citar a participação do CINDEDI em documentos do Ministério da Educação (MEC) como, por exemplo, o documento “Subsídios para Credenciamento e Funcionamento de Instituições de Educação Infantil” do governo federal de 1998. É possível demonstrar a atuação do grupo nos assuntos políticos que envolvem a educação infantil citando a participação de membros do grupo em eventos como o “Congresso Brasileiro de Qualidade na Educação – Formação de Professores” no ano de 2002, seja com apresentação em um simpósio, ou apresentação de painel; ou mais recentemente o “Fórum de Educação Infantil” que ocorreu em Brasília e que também teve participação de membros do CINDEDI, embora tenha sido um evento que reunia representantes das secretarias municipais de educação de todo o país, para se discutir a Educação Infantil. Sempre houve no grupo, uma preocupação grande com a prática realizada nas instituições e na aplicação dos resultados de suas pesquisas. Dessa forma, o grupo se envolveu tanto na luta pelos direitos da criança, em âmbito nacional, como na preparação de educadores para atuar nas creches da região, que serviram de campo de estudo. Uma das características principais deste grupo de pesquisa, é a

(...) preocupação em aliar sempre a teoria e a práxis na pesquisa, uma desafiando, questionando e enriquecendo a outra. E a certeza da importância de um compromisso ético com a população investigada, que se traduza no respeito a seus direitos e no compromisso de trabalhar para que suas condições de vida sejam melhoradas (Caderno de Resumos, X Encontro do CINDEDI, 2005, p.8).

Foi pensando nesse compromisso com a população investigada nas pesquisas realizadas ao longo de tantos anos que se pensou na idéia de mostrar a essa população, e à sociedade acadêmica, de uma maneira geral, o que se passa nos “bastidores” do grupo. Afinal,

além dos resultados e avanços conseguidos com suas pesquisas, pode-se considerar como um bom resultado alcançado nesses anos, também, o modo de fazer pesquisa do CINDEDI.

1.1 Objetivos

O CINDEDI é um grupo de pesquisa grande, do qual muitos pesquisadores já fizeram parte. Houve pessoas que iniciaram a carreira de pesquisadores no CINDEDI e foram para outros cantos do país para continuá-la; houve situações em que algumas pessoas iniciaram suas pesquisas, e quando elas terminaram, não deram continuidade ao trabalho de pesquisa; e há, também o caso dos que começaram no CINDEDI, e seguem sua carreira acadêmica ou de pesquisa dentro do grupo.

Muitas das pessoas que passaram ou que fazem parte do CINDEDI não conhecem sua história, não sabem como o grupo foi fundado, quais foram os temas já trabalhados pelo CINDEDI, quais foram e quais são as áreas de atuação do grupo e de seus pesquisadores, que tipos e quantas publicações já foram feitas pelo grupo, dentre outras coisas. Por isso, o principal objetivo desse trabalho, é fazer o resgate da memória do para que o próprio grupo tenha conhecimento de sua história.

Ademais, o CINDEDI tem um compromisso e o reconhecimento da sociedade (reconhecimento internacional, inclusive). As contribuições do CINDEDI com suas pesquisas são inúmeras, e outro objetivo do trabalho é deixar claro, aos que ainda não conhecem o grupo, que existe esse compromisso com a população estudada, que os resultados das pesquisas do CINDEDI não ficam apenas no âmbito acadêmico, que a relação teoria-prática é uma das principais características do grupo.

Além disso, como a formação de pesquisadores é uma das principais atividades do grupo, esse trabalho pode se tornar um meio pelo qual aspirantes a pesquisadores, estudantes de diversas áreas do conhecimento interessados nas questões sobre desenvolvimento humano

e educação infantil, tomem conhecimento da existência do grupo e de suas linhas de pesquisa e possam, quiçá vir a fazer parte do grupo um dia.

1.2 Metodologia:

“Tudo tem algo a contar,
o problema maior é aprender a ouvir”.
Peter Spink

Há várias metodologias de pesquisa possíveis dentro da área das ciências humanas e sociais. Pode-se realizar entrevistas e analisá-las com base em alguma teoria ou perspectiva teórica (análise do discurso, análise de conteúdo, ou a perspectiva teórica da narrativa, por exemplo); pode-se fazer pesquisas de campo com registros de observação de algum evento específico; e, além de diversas outras metodologias de pesquisa, é possível fazer uma pesquisa com base em análise de documentos. De acordo com Peter Spink (1999, p.126) os documentos “complementam, completam e competem com a narrativa e a memória”. O autor complementa ainda que,

Como práticas discursivas, os documentos de domínio público assumem formas diferentes. Arquivos diversos, diários oficiais e registros, jornais e revistas, anúncios, publicidade, manuais de instrução e relatórios anuais são algumas das possibilidades. (p.136)

Há ainda a possibilidade de se buscar mais de uma fonte para a realização de uma pesquisa.

Rede de Significações – metodologia mergulho, diversas fontes...

Como auxílio à “contação” dessa história, que já tem mais de quinze anos e muita história pela frente, foi feita uma busca em diversas fontes, e em variados tipos de

documentos e registros, disponíveis na biblioteca, com os técnicos e com os pesquisadores do CINDEDI:

- (1) Foram utilizados os currículos da Plataforma Lattes de nove pesquisadores do grupo: Ana Almeida Carvalho, Ana Paula Soares da Silva, Kátia de Souza Amorim, Leila Sanches de Almeida, Mara Campos de Carvalho, Maria Clotilde Rossetti Ferreira, Maria Isabel Pedrosa, Reinaldo Furlan e Zilma de Moraes Ramos de Oliveira.
- (2) Cadernos de resumos do I, III, IX, X e XI Encontros Científicos do CINDEDI;
- (3) Três dos livros publicados pelo grupo “Creches: Crianças, Faz de Conta e Cia.”, “Os fazeres na Educação Infantil” e “Rede de Significações e o Estudo do Desenvolvimento Humano”.
- (4) Além disso, foram realizadas cinco entrevistas com membros do grupo que participaram diretamente de sua criação: Ana Almeida Carvalho, Ana Mello, Mara Campos de Carvalho, Maria Clotilde Rossetti Ferreira e Zilma de Moraes Ramos de Oliveira. Com exceção da entrevista com Ana Almeida, que foi realizada por meio de e-mail, as demais entrevistas foram audiogravadas e transcritas na íntegra. Estas entrevistas foram realizadas com o intuito de saber os fatos por meio das pessoas que o vivenciaram, ou seja, o que interessa nas entrevistas realizadas, é justamente a história que as entrevistadas contaram; fatos da trajetória acadêmica de cada uma, de como essas trajetórias se encontram, de como foi fundado o grupo; histórias orais que junto com os fatos que contam os documentos e registros utilizados, ajudam a registrar na História, a história do CINDEDI.

O uso de entrevistas é muito comum em estudos da área das ciências humanas. E uma das metodologias possíveis de análise de entrevistas é a História Oral. Na história oral, as entrevistas são documentos gerados que apresentam uma característica particular: o fato de

resultar do diálogo entre o sujeito e seu objeto de estudo (Amado e Ferreira, 1998, xiv) Na verdade, a história oral pode ter o *status* de técnica, disciplina ou metodologia (idem, xii).

No caso deste trabalho, a história oral é utilizada como uma metodologia que defende que “o relato pessoal pode assegurar a transmissão de uma experiência coletiva” (op. cit.); e que, como todas as outras metodologias, tem suas limitações e não encontram respostas em si só, e precisa da teoria para responder as questões que o material adquirido impõe; afinal “a interdependência entre prática, metodologia e teoria produz o conhecimento histórico; mas é a teoria que oferece os meios para refletir sobre esse conhecimento” (op. cit.).

Pode-se dizer, então, que essa pesquisa que utiliza as entrevistas como forma de mostrar os pontos de vista de cada uma das entrevistadas é baseada na História Oral que é “um método de pesquisa que utiliza a realização de entrevistas de pessoas que testemunharam ou participaram de visões de mundo ou acontecimentos” (Bueno, 2005, p. 23). Dessa forma, a entrevista é utilizada como se fosse um documento registrando uma versão do passado (op. cit.).

O material principal para a escrita desse trabalho são as entrevistas realizadas com as fundadoras do grupo. As falas delas e suas histórias estão presentes ao longo de todo o trabalho.

Como foi feito o tratamento do material

Apresentação do material como será???

2. UM POUCO DE HISTÓRIA

2.1 A história da coordenadora do grupo:

A história do CINDEDI começa muitos anos antes de 1990, ano em que passou a existir oficialmente, e não pode ser contada sem que seu relato acompanhe parte da história de vida da pesquisadora, professora e coordenadora do grupo Maria Clotilde Rossetti Ferreira. É

por isso que foi escrito um tópico com a história de Clotilde, desde o início de seus estudos em São Paulo, até a entrada para a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP de Ribeirão Preto (FFCLRP – USP).

São 40 anos de dedicação da professora Clotilde à pesquisa e à formação de profissionais em diversas áreas. Os 10 primeiros anos de sua carreira acadêmica foram realizados na Faculdade de Medicina (FMRP), e os últimos 30 anos na já citada Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, duas importantes faculdades do campus da USP de Ribeirão Preto. No entanto, antes do início de sua carreira como docente universitária, suas formações e experiências, que indicariam o caminho que percorreria nos próximos anos, foram realizadas em São Paulo, cidade onde morava antes de se mudar para o interior do estado, e, da qual saiu para acompanhar seu marido (o professor e pesquisador Sérgio Ferreira), então contratado pela FMRP.

Essa mudança da capital para o interior aconteceu no ano de 1961, no entanto, no início desse período em Ribeirão, Clotilde viajou bastante para a capital para poder terminar seu curso de Psicologia. Sua formação acadêmica iniciou com o curso de Filosofia, pois o curso de Psicologia não existia ainda na época em que ingressou na faculdade. A formação em Psicologia Clínica iniciaria dois anos após o término do curso de Filosofia.

Nesse “entreato” do curso de Filosofia para o de Psicologia Clínica, Clotilde seguiu dando as aulas de filosofia, para alunos de 1º, 2º e 3º Colegial (atual Ensino Médio), que começara a dar ainda no 4º e último ano do curso de Filosofia. Além disso, na mesma instituição onde deu aulas de filosofia, o Colégio Sion, fez um estágio sobre o método montessoriano de educação, o que permitiria um primeiro contato com a área de Educação Infantil. Estas não foram suas primeiras experiências de ensino, já que, na época em que se dizia uma “católica praticante”, Clotilde dava aulas de catecismo em escolas públicas (o que não seria possível hoje, já que as escolas públicas devem ser, de acordo com a lei, instituições

laicas de ensino). A própria professora afirma que seu interesse por ensinar vinha de criança: “(...) desde pequeninha eu gostava de ensinar. (...) brincar de escolinha, desde pequetitica eu gostava. (...) eu acho que a coisa que mais gosto de fazer é ensinar”.

Ingressou no curso de Psicologia no ano de 1960 na PUC (Pontifícia Universidade Católica) de São Paulo, mas terminou o curso no Sedes Sapientiae, que mais tarde seria integrado à PUC. Essa mudança ocorreu pelo fato de o Sedes Sapientiae permitir que Clotilde realizasse as disciplinas práticas, os estágios do curso mais no início da graduação, o que a PUC não permitia; afinal, ela já sabia que viria para Ribeirão Preto. Clotilde mudou de instituição com o pensamento de que poderia estudar a parte teórica do curso sozinha, mas que necessitaria de supervisão para a prática. Dessa maneira, ela conseguiu realizar as práticas antes de se mudar para Ribeirão Preto e finalizou o curso viajando entre as duas cidades, afinal, já se havia mudado para o interior, pois seu marido começara a trabalhar como docente na FMRP.

Logo no início de sua vida na nova cidade, Sérgio foi participar de um curso de estatística aplicada a ciências médicas e biológicas, oferecido pela OMS (Organização Mundial de Saúde). Como não queria ficar sozinha, e tinha grande interesse por matemática – chegou a ganhar prêmios de matemática, e teve dúvidas entre fazer engenharia ou matemática e filosofia, tendo escolhido a segunda opção pelo interesse em trabalhar com pessoas – resolveu fazer, como ouvinte, o curso juntamente com seu marido. Clotilde acabou se interessando pelo curso, que ocorria “de manhã, de tarde e de noite, era um curso daqueles puxados”, como disse, e conseguiu se inscrever.

Sua participação nesse curso de estatística acabou lhe rendendo um convite da Faculdade de Medicina para fazer parte de seu Departamento de Estatística Aplicada a Ciências Médicas e Biológicas. Foi então que Clotilde entrou para a Faculdade de Medicina “e aí, inicialmente eu fui assumida como auxiliar de serviços técnicos e docentes, e depois que

eu entrei como docente”, diz. Então, além de auxiliar na parte de estatística, ela iniciou como docente de Introdução à Psicologia e Psicologia do Desenvolvimento, e fazia, também, diagnósticos.

Foi devido aos atendimentos de crianças e famílias com crianças que se deu, ainda na Faculdade de Medicina, seu contato com as escolas dessas crianças que diagnosticava: “(...) logo no comecinho, eu comecei um tipo de oficina psico-pedagógica para crianças com dificuldades, e comecei a trabalhar aí em contato com as escolas e coisa assim”, relata a professora.

No ano de 1964 foi fundada a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto. Neste ano tiveram início os cursos de Biologia, Química e Psicologia. Havia poucos psicólogos no Brasil, nessa época, devido à recente aprovação dos cursos de Psicologia (que data de 1962), e, por isso, os profissionais que trabalhavam inicialmente no curso de Psicologia eram estrangeiros (sobretudo belgas) ou com formação em Pedagogia. A FFCLRP contou com a colaboração da Faculdade de Medicina que cedeu as salas de aula para o funcionamento do curso, bem como alguns de seus professores (informações retiradas do endereço eletrônico da FFCLRP), como Clotilde que, sendo a única psicóloga de Ribeirão Preto, assumiu a disciplina de Ética que deveria ser ministrada por um psicólogo.

Com o Golpe de 64, iniciou-se uma ditadura militar no Brasil, e com ela, muitas perseguições políticas. Com planos de ir ao exterior, que ganharam força devido à situação política do país, Clotilde e Sérgio partiram, em 1965, rumo à Inglaterra. Lá, Clotilde entrou para a Tavistock Institute of Human Relations, mais especificamente no Department of Children and Parents (Departamento de crianças e pais) para fazer um curso.

Sua supervisora na Tavistock lhe disse que, por seu interesse e perfil acadêmico, deveria aproveitar a estadia na Europa para fazer uma pós-graduação. Foi então que por meio de indicação de Jacques Tizard (indicado por sua supervisora), entrou em contato com Brian

Foss que a convidou para fazer um mestrado no Institute of Education (Instituto de Educação). Iniciou o mestrado, que depois, reconheceram que poderia ser um doutorado, que terminou em dois anos. Seu interesse, naquela época, era estudar a interação mãe-criança, e, por isso, o tema de seu doutorado foi a interação mãe-criança antes e depois de nascer um segundo filho.

Acreditando que as coisas começavam a se acalmar politicamente no Brasil, o casal resolveu retornar ao país, em 1967. Foi nesse ano que, integrando o Departamento de Psicologia Médica e Psiquiatria, Clotilde recebeu seu primeiro auxílio da FAPESP (Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo), que auxiliaria muitos outros projetos de Clotilde e seu grupo, para montar um laboratório de observação da interação mãe-criança. Deu-se início aí, um trabalho com um grupo de estudantes de graduação bolsistas de Clotilde de iniciação científica, dentre elas Mara que ajudaria a fundar o CINDEDI.

Na época de montar esse laboratório, seu interesse ainda era a área de psicologia clínica. No entanto, essa experiência mostrou-lhe outros interesses:

À medida que eu ia atendendo os casos que eu tinha de problemas, eu via que (...) você atendia um [caso], mas tinha condições pra montes de outros surgirem. E aí começou cada vez mais meu interesse de trabalhar num sentido mais preventivo, no sentido de melhorar as condições de desenvolvimento de crianças, seja com as mães, seja na escola (...).

Foi nessa época que começou seu desligamento da área clínica e aumentou seu investimento em pesquisa e trabalhos dentro de escolas, como formadora de professores.

No entanto, em dezembro de 1968 foi decretado o Ato Institucional – 5 (AI-5), que foi conhecido como o mais cruel e violento Ato Institucional, por aumentar o poder do presidente e permitir que pessoas ditas “subversivas”, de oposição ao governo e que representassem ameaça à economia, à sociedade ou à segurança pública fossem perseguidas. Após a promulgação do AI-5, muitas pessoas foram perseguidas, e também torturadas; muitos deixaram o país como exilados políticos.

Clotilde e Sérgio também foram alvos de perseguições políticas: “já tinham prendido gente na nossa casa, (...) em 69 (...) eu descobri que o nosso telefone tava sendo gravado de uma forma absurda, (...) nós fomos seguidos várias vezes, a gente tinha policial na frente de casa, a gente tava numa situação muito difícil!”, relembra. Devido a esses transtornos causados pela situação política, em 1970, mesmo no auge de conseguir montar seu próprio grupo aqui, Clotilde teve de sair novamente do Brasil. Dessa vez, a situação era mais complicada, pois apesar de seu marido já sair daqui com emprego garantido na Inglaterra, havia três filhos pequenos e Clotilde, mesmo com o título do doutorado realizado na Inglaterra, saiu daqui sem perspectiva de emprego lá.

Clotilde realizou diversos estágios em lugares como a Tavistock, onde começou da outra vez em que esteve na Inglaterra, o Institute of Psychiatry (Instituto de Psiquiatria), onde faziam estudos sobre a interação mãe-criança, e o Institute of Child Health (Instituto de Saúde da Criança). Foi nesse último em que conseguiu um estágio com Blurton Jones, “um etólogo que observava interação mãe-criança, e que estava interessado no desenvolvimento do apego, que estava no topo a questão do desenvolvimento do apego, da relação afetiva entre mãe e criança”.

Foi com Blurton Jones que Clotilde conseguiu realizar seu pós-doutorado. Trabalhou com ele três anos e meio (entre 1972 e 1975) em um estudo longitudinal, sobre o desenvolvimento do comportamento social e de apego em crianças de um a três anos, acompanhando 60 famílias.

Nessa segunda ida à Inglaterra, Clotilde iniciou um contato (indireto) com Ana Almeida de Carvalho, por meio do irmão dela que também estava na Inglaterra. Ana conta que começou a dar aulas na pós-graduação da USP-SP sobre o enfoque etológico no comportamento da criança, e que pediu para seu irmão comprar um livro, que, por

coincidência, era do orientador de Clotilde. Foi assim que uma ficou sabendo da existência da outra. Foi o início de uma parceria que só se fortaleceria anos depois da volta de Clotilde.

De volta ao Brasil, no ano de 76, Clotilde se viu aqui da mesma maneira como havia chegado à Inglaterra anos antes: desempregada. Isso porque, ainda antes de retornar a terras européias, houve um movimento dentro da Faculdade de Medicina de junção de departamentos. Quis-se juntar Psiquiatria com Neurologia, e Clotilde liderou um movimento contra essa união, por acreditar que Psiquiatria deveria ser unida à Medicina Social, ou Clínica Médica, não retrocedendo, assim, à idéia de Psiquiatria como problemas neurológicos. Quando estava em Londres, ainda, houve a junção do Departamento de Psiquiatria com o de Neurologia, e não foi feita a renovação do afastamento de Clotilde sem vencimentos (como aconteceu no início do período fora do país), somente o de seu marido Sérgio; assim, deu-se o desligamento de Clotilde com a Faculdade de Medicina. Houve interesse de algumas pessoas do Departamento de Psicologia Médica e Psiquiatria em reincorporá-la, no entanto, Clotilde foi considerada “uma subversiva perigosa”, e não voltou a fazer parte desse Departamento.

O movimento para que o grupo chamado CINDEDI se formasse se iniciaria após o desligamento da professora Clotilde da Faculdade de Medicina e de sua ida para a Faculdade de Filosofia. É por isso que se encerra aqui a parte que conta a história da fundadora do grupo. A partir desse momento, a história da professora confunde-se com a história do grupo.

2.2 O contexto de surgimento do grupo:

Foi no ano de 1976 que Clotilde entrou para a Faculdade de Filosofia. Inicialmente foi docente da disciplina Psicologia do Excepcional: “assumi Psicologia do Excepcional como (...) qualquer indivíduo que necessitasse de algum apoio para se desenvolver ao seu máximo (...). Então eu consegui ampliar o leque dentro de uma perspectiva que eu conseguia dar”, conta. Seu início como docente da disciplina de Psicologia do Desenvolvimento, área que

tinha interesse, devido aos seus estudos de apego, veio mais tarde, com a saída do docente que ministrava tal disciplina: Lino de Macedo.

Nessa época, em que estava extremamente envolvida com a questão do apego, Clotilde tinha interesse em trabalhar com orfanatos. No entanto, para sua surpresa, não havia orfanatos em Ribeirão Preto “e aí é que eu comecei a introduzir um trabalho com as creches, mas foi o meu interesse nesta área [da questão do apego] que acabou me levando ao interesse por educação”, assume. A busca pelos orfanatos resultou no encontro com creches que atendiam crianças em período integral. Este primeiro contato com as creches seria o primeiro de um longo “caso” de Clotilde e mais adiante seu grupo que se chamaria CINDEDI com a Educação Infantil.

Ainda nessa mesma época, Clotilde começou a dar aulas na pós-graduação de São Paulo, já que não existia em Ribeirão. Então, ficou dando aulas no curso de graduação em Psicologia no interior e um curso na pós-graduação na capital, “que foi uma das primeiras sobre observação da interação mãe-criança”, explica. Foi, então, reconhecida como orientadora tanto em São Paulo, como em São Carlos, e, conseqüentemente, começou a ter mestrandos trabalhando junto em suas pesquisas.

Clotilde e seus mestrandos, na verdade, mestrandas – dentre elas Zilma de Moraes Ramos de Oliveira, que participaria da fundação do CINDEDI – juntamente com os estagiários da disciplina de Psicologia do Desenvolvimento III, do curso de Psicologia da época, em parceria com a Legião Brasileira de Assistência, a LBA, começaram a desenvolver um trabalho nas creches de Ribeirão e região fazendo uma investigação sobre o desenvolvimento das crianças, e, também um diagnóstico das creches da região. O trabalho iniciou com 20 creches estudadas, e depois, o estudo foi aprofundado em nove dessas instituições.

Nessa época, meados da década de 70, não existia, no Brasil, creches e pré-escolas públicas. Começava-se a pensar nas creches como direito da família (e não da criança, ainda), nessa época. Enquanto isso não acontecia, as creches que existiam eram de cunho assistencialista e filantrópico. Uma expressão muito utilizada para caracterizar as instituições creche na época é “mal necessário”. As creches eram vistas como um “mal necessário”, pois eram destinadas às camadas mais pobres da população, mais especificamente para as famílias cujas mães precisavam trabalhar e não tinham com quem deixar seus filhos. Representava, na época e “representa até hoje, para muitos, uma ação paliativa ao cuidado e educação da criança pequena, a qual deveria estar com a mãe, para não correr riscos de ter seu desenvolvimento prejudicado”, conta Telma Vitória, pesquisadora do CINDEDI em artigo de 1999 (p.25).

Em meados da década de 70, paralelamente ao início da pesquisa com as creches da região de Ribeirão Preto, havia, na região de Marília uma pessoa que iniciava também a luta por creches: Ana Mello, uma estudante de Letras, que tinha magistério, e dava aula na zona rural paralelamente à luta pelas creches, e que deixaria de fazer Letras para fazer Psicologia. A trajetória dessa outra Ana se encontraria cerca de uma década depois com Clotilde e o grupo que estava prestes a existir oficialmente. Outra parceria duradoura que renderia muitos frutos ao grupo.

Nessa época em que as creches não entravam em programas de governos, um importante instrumento criado pelo Governo Federal foi a LBA (criada na década de 50), que instituiu, juntamente com uma série de programas de auxílio, uma política de financiamento à filantropia (Vitória, 1999, p.25), ao invés de uma política decente de financiamento à educação dos pequenos. A parceria entre as creches e a LBA funcionavam por meio de convênio: as instituições conveniadas recebiam auxílio do Governo.

Havia, e ainda há, um certo preconceito das classes mais altas em relação às creches. As creches eram destinadas às mães que precisavam trabalhar fora de casa, e, por isso não podiam ficar com seus filhos. No entanto, nessa mesma época, não foram só as mães de famílias “carentes” que começaram a trabalhar fora de casa. Em meados da década de 70, vários movimentos começaram a luta por creches, dentre eles, o movimento feminista, que reivindicava instituições onde as crianças pudessem ficar, já que não era mais somente o homem que saía de casa para trabalhar. Por isso, surgiram também junto com as creches assistências, os chamados “hoteizinhos” e as escolas particulares de educação, ou escolinhas. Não há muita diferença entre as creches e os hoteizinhos e escolinhas particulares: “as diferenças entre eles e as creches estão mais relacionadas à origem, filantrópica ou pública das creches; e particular ou empresarial das escolinhas e hoteizinhos” (Vitória, 1999, p.26).

Apesar de vários anos passados desde as primeiras instituições creche de cunho assistencialista, e de algumas conquistas legais da criança pequena, algumas características daquelas primeiras instituições permanecem tanto nas creches públicas, quanto nas privadas. O grande número de mulheres trabalhando na Educação Infantil denuncia a idéia ultrapassada de que as mulheres, por terem um “instinto maternal” (idéia que foi disseminada por Froebel e seus jardins de infância) são mais apropriadas para o trabalho com a criança; a profissão dos educadores de Educação Infantil – que só foram reconhecidos como professores no ano de 2004 com o Estatuto do Magistério – é pouco valorizada, e não exigia muita formação, por isso o número de profissionais com formação superior, ou formação adequada para o trabalho com as crianças é baixíssimo; e, por isso, são poucas as instituições que têm um corpo docente e um quadro de funcionários qualificado e preparado para desenvolver programações pedagógicas específicas para a Educação Infantil (Vitória, 1999, p.26).

Algumas dessas características foram observadas nas pesquisas realizadas nas creches da região, embora o foco fosse a interação da pajem (na época não se dizia educadora) com a

criança, e, já que o interesse de Clotilde era a questão do apego, a proposta dela e do grupo que se formava era que as educadoras utilizassem o cuidado materno substitutivo dentro da creche. Durante a pesquisa, entretanto, percebeu-se que não era possível efetivar o que estava sendo proposto. Porém, os detalhes sobre esse trabalho nas creches serão dados mais adiante.

Essa pesquisa em parceria com a LBA nas creches da região foi muito importante, porque foi ela que deu início às pesquisas em Educação Infantil; foi uma das primeiras grandes pesquisas do CINDEDI (que até então não era um grupo formalizado) que obteve, no início da década de 80, um grande auxílio; e, ademais, foi a primeira pesquisa realizada com as características que o CINDEDI teria, pesquisa realizada em grupo, valorizando a relação da teoria com a prática. A pesquisa nas creches da região resultou num filme chamado “A arte de varrer pra debaixo do tapete” (Ferreira et al., 1983) que finalizou o trabalho. Na verdade, não finalizou, pelo contrário, deu lugar a uma série de novos questionamentos sobre Educação Infantil, surgindo, a partir daí, temas de estudos tais como: interação criança-criança, qualidade de creches, formação de educadores de creches e relação creche-família.

Concomitantemente com esse trabalho, em 79, formou-se no campus de Ribeirão Preto uma Comissão de Creche, da qual faziam parte funcionários e professores que reivindicavam uma creche. Essa Comissão se organizou e discutiu qual o tipo de creche se pensava para o campus. Foi feito um projeto para uma casa oferecida pela Administração do campus, mas o projeto não se concretizou. Isso porque queriam que a creche funcionasse na base do voluntariado, de maneira que os pais das crianças trabalhassem como voluntários na creche. Tal proposta não foi aceita pela Comissão de Creche, de tal forma que no dia da inauguração da creche pelo reitor da universidade, foi feito um protesto e a creche não foi inaugurada.

Após aquela vasta, enriquecedora e importante experiência com as creches, em 85, Clotilde juntamente com o grupo que agora já estava maior e já tinha tomado forma de grupo

de pesquisa, puderam acompanhar o quase “nascimento” de uma creche do campus, da maneira que a Comissão havia planejado alguns anos antes. Quase, porque a ARFUSP (Associação Ribeirãopretana de Funcionários da USP) foi que assumiu a “administração” da creche, e chamou para ser diretora, uma pessoa que não tinha experiência com Educação Infantil.

Nesse meio tempo em que a ARFUSP assumiu a creche, e chamou essa pessoa como diretora, Clotilde foi novamente à Europa para um estágio de seis meses na França, no Laboratoire de Psycho Biologie de L’enfant (LBPB) que pertencera a Henri Wallon. Sua estadia na França seria importante para o grupo, e acabou sendo decisiva para a escolha de uma das linhas de pesquisa do CINDEDI, comandada pela Mara Campos de Carvalho, que, como já foi dito em outra ocasião, fora bolsista de Iniciação Científica de Clotilde quando ela ainda trabalhava na Faculdade de Medicina. Na ocasião do estágio de Clotilde na França, ela conheceu Alain Legendre que estava em uma área da Psicologia denominada Psicologia Ambiental, estudando o papel do espaço nas interações de criança. Ela fez um projeto com Legendre, e o ofereceu para Mara que a procurou no doutorado – o mestrado foi realizado com Isaías Pessotti, pois Clotilde estava em Londres, pela segunda vez, na época em que Mara iniciou o mestrado – querendo sair da psicologia clínica, por achar essa área “elitista demais”.

Mara, que pensava em pesquisar o papel do objeto nas interações entre crianças, aceitou o desafio e entrou de cabeça na área da Psicologia Ambiental que é seu foco de estudo até hoje. O grupo de Mara sobre organização do espaço é um dos que mais contribuiu com dados empíricos para o grupo. A união da Psicologia Ambiental com a Psicologia do Desenvolvimento foi importante para o grupo todo.

Quando Clotilde retornou ao Brasil, havia muitas reclamações dos pais que tinha filhos na creche do campus, a Carochinha. Os pais insatisfeitos começaram a procurar

Clotilde e seu grupo, que, não querendo intervir, incentivava esses pais a tomarem alguma atitude. Eles acabaram pressionando o COSEAS (Coordenadoria de Assistência Social), que fez uma intervenção e assumiu a administração da creche.

Foi aí que, em 86, Ana Mello foi chamada para assumir a diretoria da Carochinha. Ana trabalhou um período no Centro de Saúde Escola da Faculdade de Medicina antes de assumir como diretora da creche. Mas, antes disso, ela havia trabalhado em uma creche da prefeitura de São Paulo. Nessa instituição onde Ana trabalhou antes de se mudar para Ribeirão, Zilma havia colhido dados para uma pesquisa que realizou sob orientação de Clotilde, e, além dela, outras pessoas ligadas direta ou indiretamente a Clotilde tinha feito coleta de dados para diferentes pesquisas.

Dessa forma, a aproximação entre Ana Mello e Clotilde, e conseqüentemente entre Carochinha (a creche do campus) e CINDEDI era inevitável. A proposta de Educação Infantil que Clotilde e o grupo pensavam para a creche estava em sintonia com o que Ana Mello havia vivenciado como diretora de creche em São Paulo, e que acreditava ser uma proposta de Educação Infantil de qualidade. O diálogo entre o grupo e Ana e a Carochinha foi muito rico e daí surgiu uma parceria extremamente importante para o CINDEDI, e também para a Carochinha. Sempre preocupados em aliar a teoria à prática, muitos pesquisadores do grupo realizaram diversas pesquisas na Carochinha. Mas a história dessa parceria também será contada com mais detalhes mais adiante.

A essa altura, já existia um grupo de pesquisa, cuja figura central era Clotilde, que realizava pesquisas na área de Educação Infantil, de diferentes pontos de vista. No entanto foi no início da década de 90 que, como conta Zilma, houve um movimento de incentivo à formação de núcleos, grupo, centros de pesquisa. Passou a ser “mais valorizado o grupo de pesquisa do que a tradição anterior do pesquisador sozinho no seu laboratório, na biblioteca, que era o que existia no passado”, relata. Talvez essa tendência em valorizar grupos de

pesquisadores, deva-se ao fato de que, em grupo, o trabalho avance mais rápido, e conseqüentemente a ciência de uma maneira geral se desenvolva e se aprimore mais rapidamente. Formar o grupo formalmente foi fácil, porque com o apoio da própria universidade, com um movimento de criar grupos ocorrendo mundialmente, o que se tinha a fazer era formalizar a existência de um grupo que já trabalhava junto desde meados dos anos 70.

Foi assim, que em 1990, juntamente com o Estatuto da Criança e do Adolescente, “nasceu”, oficialmente, o CINDEDI, que já foi chamado de Centro Brasileiro de Investigação sobre Desenvolvimento e Educação Infantil, cuja sigla era CINDEI, de acordo com relatos de Clotilde e Mara, e com registros de Encontros Científicos do CINDEDI que ocorreram há cerca de cinco anos. A mudança de nome do grupo, embora não pareça tão significativa assim, foi uma escolha acertada, porque passou a englobar, já no nome do grupo o desenvolvimento humano como um todo, não se limitando apenas ao desenvolvimento infantil, acompanhando a ampliação das linhas de pesquisas do grupo.

3. O TRABALHO

Com uma longa história de pesquisas e outras atividades, o CINDEDI tem uma vasta lista de publicações. Há diversos tipos de materiais publicados pelo grupo ao longo de sua existência: vídeos, artigos, livros, teses, dissertações, cursos de formação, etc.. Todas essas publicações são frutos de trabalhos coletivos, porque ainda que a publicação seja de um único autor, a colaboração do grupo foi importante e aconteceu de alguma maneira: seja nos encontros do CINDEDI, seja nas conversas pelos corredores, nas trocas de correspondência, nas discussões com os membros do subgrupo do qual o autor faz parte, ou nas orientações individuais.

O grupo de pesquisa vem crescendo cada vez mais com o passar do tempo. Junto com o crescimento do grupo, em termos de pesquisadores, há, também, um aumento gradativo do trabalho do CINDEDI. Ou seja, as pesquisas são cada vez mais numerosas, bem como as disciplinas ministradas por docentes do grupo; e a participação de membros do grupo em eventos também aumentou.

O texto sobre o trabalho do CINDEDI inicia-se com o trabalho do grupo na década de 70, vindo até os dias atuais. Nele encontram-se informações como: projetos desenvolvidos em cada década, temas estudados e pesquisados, eventos realizados, listagem dos artigos e outros tipos de publicações do grupo.

Na década de 70, em que o processo de surgimento do CINDEDI teve início, o principal interesse do grupo era o estudo da interação mãe-criança, devido ao interesse e à familiaridade de Clotilde com as teorias e discussões sobre apego.

O fato de estar trabalhando com a principal questão da Psicologia do Desenvolvimento, da época, despertou o interesse de Clotilde investigar os orfanatos. No entanto, pelo fato de não haver instituições desse tipo em Ribeirão, o objeto de estudo passou a ser as instituições creche.

Por isso, o grande eixo de pesquisas da época, foi a questão do apego dentro dessas instituições. Foi iniciado um grande projeto nas creches da região, em parceria com a LBA e deu-se, então, o início das relações do grupo com as creches e, conseqüentemente com a Educação Infantil.

Ainda nessa década, foram concluídos cinco mestrados, três deles orientados por Clotilde (Ana Almeida Carvalho, Zilma de Moraes Ramos de Oliveira e Ana Esmeralda Biazzo Melis), e duas sob orientação de Ana Almeida (Angelina S.B. Nascimento e Márcia Faria de Castro), sendo uma na Universidade Federal da Bahia (UFBA), e a outra na USP-SP.

Além disso, foram publicados dois artigos: um de Clotilde e outro de Ana Almeida. Clotilde escreveu, ainda, um capítulo para um livro publicado na Itália sobre desenvolvimento.

A década de 80 iniciou com a continuação daquele grande projeto com as creches. No entanto, no início dessa década, foi conseguido um auxílio para tal projeto que levou o título “Condições de atendimento e desenvolvimento de crianças pequenas de baixo nível sócio-econômico, cujas mães trabalham fora de casa”. O auxílio a essa pesquisa foi concedido pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais (INEP) entre os anos de 82 e 84 (Caderno de Resumos, X Encontro do CINDEDI, 2005, p.7). Essa grande pesquisa resultou no primeiro vídeo produzido pelo grupo com o auxílio do INEP: “A arte de varrer para debaixo do tapete” (Ferreira et al., 1983). Este foi o primeiro grande auxílio que o grupo recebeu para desenvolver seus projetos. O vídeo denuncia “as precárias condições do atendimento nas creches da região, e a necessidade urgente de melhorá-las” (Caderno de Resumos, X Encontro do CINDEDI, 2005, p.7), e foi produzido com a intenção de “estimular um debate sobre o atendimento e desenvolvimento da criança em creches” (Rossetti-Ferreira, 1988, p.60).

O artigo de Clotilde no periódico “Cadernos de Pesquisa” intitulado “A Pesquisa na Universidade e a Educação da Criança Pequena”, de 1988 fala sobre a experiência desse projeto nas creches. E é um artigo importante, pois mostra os resultados da pesquisa e aponta quais foram os caminhos seguidos depois dessa experiência.

As teorias do apego com as quais Clotilde trabalhava e tinha grande intimidade sugeriam a necessidade de a criança manter uma relação afetiva sem rupturas com alguém de seu ambiente, de preferência a mãe, caso contrário, seu desenvolvimento integral seria prejudicado. Dessa maneira, com base nessas teorias, a criança que passa o dia ou um período em uma creche, corre o risco de ter seu desenvolvimento comprometido, já que haveria

rupturas diárias da relação com a mãe, que seria “substituída” pela relação com diversos adultos, funcionários da instituição (Rossetti-Ferreira, 1988).

Foi então proposto nessa pesquisa nas creches da região, dentre outras coisas, que as educadoras utilizassem com as crianças um cuidado materno substitutivo, de maneira que fosse estabelecida na interação do adulto com a criança uma relação afetiva, tal qual a suposta relação da mãe com a criança em casa: “Durante o trabalho de intervenção e em treinamentos com as pajens, procurávamos, embora com poucos resultados, estimulá-las a aproveitarem cada oportunidade para interagir com as crianças (...)” (Rossetti-Ferreira, 1988, p. 61). O foco da investigação das pesquisadoras e dos estagiários era, portanto, a observação da relação pajem-criança, contudo, os resultados não eram os esperados. Como disse Clotilde em sua entrevista “a gente tava tentando olhar o ambiente das creches, e a gente tentava olhar as interações adulto-criança, e focalizar nisso (...) e a gente viu que (...) havia pouca interação, as interações eram muito mais de controle e cuidado”. O grupo foi tomado por uma sensação de desânimo, frustração e impotência diante da situação das creches, das crianças, das mães e das educadoras, que tinham que dar conta sozinhas, de até 55 crianças.

Clotilde conta, ainda, que em uma das visitas à creche, a educadora trocava as crianças para que suas mães as buscassem. Ao tentar ajudar a pajem, utilizando-se do cuidado substitutivo materno, tratando as crianças da mesma maneira que tratava seus filhos em casa, Clotilde trocou apenas duas crianças, enquanto a pajem trocou as outras 10.

Foi então que o grupo percebeu, como relata Clotilde, tanto na entrevista concedida a mim, como no artigo de 88, que várias das propostas eram inadequadas. Percebeu-se, por exemplo, que o cuidado da mãe com seu filho em seu ambiente familiar é inadequado em uma situação como a das creches estudadas, e, até em outros ambientes coletivos de educação de crianças (Rossetti-Ferreira, 1988). Além disso, percebeu-se que são as outras crianças as pessoas com quem as relações e interações são mais possíveis e prováveis. Mas não foi dada

atenção a essa relação da criança com seus “colegas”, mesmo porque o ambiente não propiciava interações muito significativas entre as crianças.

A partir desse estudo, o grupo passou a focar seus estudos sobre diversos aspectos da educação das crianças nesse ambiente coletivo que é a creche. No mesmo artigo de 88, na página 62, Clotilde disse, na época, que

o mergulho nessa realidade social complexa nos fez conhecer melhor os contextos em que essas crianças estão sendo criadas. Para entendê-los, estamos sendo obrigados a consultar e a trabalhar com outros especialistas e a estudar e discutir textos de outras áreas como antropologia, etnografia, sociologia, economia...

Foi então que se iniciaram os trabalhos sobre interação criança-criança, organização de ambiente, formação de educadores de creche, veio desse estudo, portanto a preocupação de se organizar uma proposta pedagógica para que as creches ofereçam um atendimento de qualidade às crianças e seus pais.

Nessa época, o trabalho de Zilma foi importante para o grupo. Ela que já havia trabalhado com formação de professores (no geral, não de Educação Infantil, especificamente) em seu mestrado, passou a estudar no doutorado a interação criança-criança de uma maneira nova para a época. Zilma fazia análises microgenéticas, segundo a segundo de fitas que mostravam a relação criança-criança em creche.

Além do trabalho de Zilma, o trabalho de Mara também foi muito importante para o grupo. O contato com a Psicologia Ambiental, por meio do trabalho do francês Alain Legendre, com o qual Mara teve contato através de Clotilde, que por sua vez o conheceu na ocasião de sua estadia na França para seu pós-doutorado, foi decisivo para a definição da linha de pesquisa de Mara, e uma das principais do grupo como um todo.

Como a própria Mara relata em sua entrevista, a junção da Psicologia Ambiental, com a Psicologia do Desenvolvimento, com a Educação Infantil em seus estudos permitiu ao grupo, a aplicação direta, quase que imediata dos resultados das pesquisas de Mara, e posterior e atualmente seu subgrupo. Isso porque, explica Mara, a Psicologia Ambiental se

desenvolve em torno de três eixos: avanços teóricos do tema investigado, pesquisa e aplicação dos dados resultantes dessa pesquisa.

O trabalho de Mara com arranjo espacial representou um avanço nesse assunto na área da Educação Infantil no país. É muito comum ouvir falar da importância dos “cantinhos” nas instituições de Educação Infantil. Os “cantinhos” são frutos de pesquisas de Mara sob orientação de Clotilde, e de Mara sozinha ou com seus orientandos de graduação e pós-graduação (Campos-de-Carvalho e Rossetti-Ferrira, 1993; Campos-de-Carvalho, 1998; Bonfim e Campos-de-Carvalho, 2002; dentre vários outros). Tais pesquisas realizadas em creches, com crianças de 1 a 3 anos “direcionam-se para a contribuição do arranjo espacial para a oportunidade de interações de coetâneos, tanto entre si como com o adulto” (Campos-de-Carvalho, 1998, p. 128). Os “cantinhos” são, na verdade, zonas circunscritas (ZC) – espaços da sala onde as crianças, delimitados por algum tipo de barreira (mobiliário, parede, ou outros), em pelo menos três lados, formando, geralmente, um “cantinho” (Campos-de-Carvalho e Rossetti-Ferreira, 1993) – na sala onde as crianças ficam na creche, e que possibilitam uma interação maior entre as crianças em determinados momentos, possibilitando uma maior liberdade e direcionamento das interações do adulto com as crianças individualmente, bem como uma autonomia maior das crianças em relação ao adulto.

Além de tudo isso, a experiência de alguns anos nas creches, permitiu ao grupo um conhecimento maior das necessidades das crianças, e possibilitou o envolvimento de seus membros com a luta pelos direitos da criança. Tal envolvimento de membros do CINDEDI com políticas públicas para a infância e para a criança existe até hoje. Aliás, essa é uma das características principais do grupo. Essa é uma das maneiras pela quais os pesquisadores permitem que os resultados de suas pesquisas cheguem de alguma forma (no caso, em forma de lutas por direitos) à sociedade.

No fim da década de 80, o grupo se envolveu, juntamente com outros grupos de pesquisa e diversos movimentos na luta pelos direitos à educação da criança pequena. Foi em 1988 que a Constituição Federal tomou as creches como um direito das famílias que trabalham e também reconheceu que tais instituições pertencem ao “campo” da Educação. É no seu artigo 208, inciso IV, que a Constituição define que a garantia do “atendimento em creche e pré-escola às crianças de zero a seis anos de idade” é um dever do Estado (CF-88).

Já foi dito que, no fim dessa mesma década, estabeleceu-se uma relação muito forte e importante com a creche Carochinha, a creche do campus da USP de Ribeirão. O vínculo com a creche foi firmado, devido ao compartilhamento de idéias do grupo com a diretora da creche – que ficou nesse cargo até o ano passado (2005) – Ana Mello. Muitas pesquisas de campo foram realizadas na Carochinha com o apoio, incentivo e permissão de Ana e o pessoal da creche.

Dentre as idéias e concepções de creche compartilhadas pelo CINDEDI e pela creche, na figura de sua diretora, está a crença de que

o conjunto de profissionais que trabalham na creche, sejam recreacionistas, cozinheiros, serventes ou técnicos, e preferivelmente de ambos os sexos, devem ser treinados para exercer a função de educadores, preocupados em organizar o meio físico e social da creche de forma a favorecer o envolvimento das crianças em atividades, brincadeiras e interações, independentemente da mediação direta do adulto (Rossetti-Ferreira, 1988, p. 62)

É possível ver que essa preocupação em envolver todos os que trabalham na creche com a educação da criança existe, de fato, na Carochinha. Além disso, dentre outras coisas, a creche do campus se preocupa em colocar pessoas de ambos os sexos trabalhando diretamente com a criança, se preocupa com a formação contínua de seus educadores (sejam eles serventes, cozinheiros, “volantes” ou professores), se preocupa em manter uma boa relação com a família, etc..

Ana Mello diz em sua entrevista, que a relação da Carochinha com o CINDEDI deu certo pelo fato de a creche não ter “competido” com o saber acadêmico proporcionado pelo CINDEDI e por diversas outras áreas do conhecimento que desenvolvem pesquisas no

campus, como a Medicina, a Enfermagem, Odontologia... O que aconteceu, foi que a creche soube aproveitar o fato de ser uma creche universitária, e apoiar as propostas de pesquisas dentro dela. A relação Carochinha-CINDEDI, ou, na verdade, Carochinha-Faculdades foi proveitosa para ambas as partes envolvidas, pois foi feito um compartilhamento de conhecimentos e experiências com respeito mútuo entre as partes.

A relação do grupo de pesquisa com a creche do campus foi e é tão intensa que muitas pessoas associam diretamente a Carochinha ao CINDEDI, mesmo não havendo nenhum tipo de parceria “burocrática” entre ambos. Isso também se deve ao fato de muito material do CINDEDI ter sido produzido na creche, ou com a participação das pessoas que lá trabalham.

Concomitantemente a todos os acontecimentos do fim da década de 80, Clotilde estabeleceu um contato que seria muito importante na década seguinte. Em um intercâmbio com as pessoas do Instituto de Linguagem da UNICAMP por meio de Claudia Lemos, com quem Clotilde havia dado um curso, o grupo teve contato com alguns aspectos da linguagem, com concepções de significações e semiótica, teorias que seriam incorporadas aos trabalhos do CINDEDI.

Além do já citado vídeo “A arte de varrer para debaixo do tapete”, na década de 80 foram concluídas 1 monografia, 7 dissertações de mestrado e 3 teses de doutorado; foram escritos 32 artigos, 11 capítulos de livros; foi produzido o Primeiro vídeo em parceria com a Creche Carochinha “A vida em grupo na Creche Carochinha”, e foi lançado o primeiro Livro de Clotilde “Mãe e Criança: separação e reencontro”, falando da questão do apego. Esse livro é fruto do trabalho realizado em seu pós-doutorado com Blurton Jones em Londres.

Os anos 90 foram responsáveis pelo crescimento do grupo em tamanho e em produção. Muitos projetos foram desenvolvidos pelo grupo depois de ter sido fundado oficialmente. A década se iniciou com um grande projeto na creche Carochinha. Quando

esteve na Itália e passou um mês com Tulia Musarti, Clotilde teve contato com uma experiência de adaptação que achou interessante e resolveu trazer para o Brasil.

Em março de 94 haveria a inserção de 26 crianças entre 0 e 2 anos na Carochinha, e foi então que Clotilde e Ana Mello resolveram desenvolver um projeto de adaptação desses bebês e suas famílias na creche. Esse projeto, denominado “Processo de adaptação de bebês à creche” foi financiado pelo CNPq, e, mais tarde acabou se tornando um projeto temático do CINDEDI, financiado pela FAPESP.

Por falar nisso, a década de 90 foi marcada por dois fatos importantes. Foi o início dos auxílios da FAPESP aos Projetos Temáticos do grupo, e, também o início dos Encontros Científicos do CINDEDI. No entanto, mais adiante será falado sobre esses assuntos com mais detalhes.

No projeto de adaptação dos bebês à creche foi feito um grande trabalho em parceria com os educadores, funcionários e famílias das crianças que estavam chegando na Carochinha. As pesquisadoras do CINDEDI já tinham experiência com adaptação de bebês, e já tinha, inclusive produzido um vídeo, no ano de 1991, na própria creche do campus sobre o assunto: “Quando a criança começa a frequentar a creche”. No entanto o trabalho nesse grande projeto foi muito maior: “elaboramos um projeto amplo de pesquisa para acompanhar por um ano o processo de integração dos bebês, de suas famílias e das educadoras na creche”, relata Clotilde no livro sobre a Rede de Significações (Rossetti-Ferreira, 2004, p.16).

Com os dados gerados nesse projeto foi montada uma grande base de dados chamada ADAPTA. Essa base foi montada com o objetivo de disponibilizar tais dados para os diferentes pesquisadores do grupo, de diferentes áreas (op.cit.). O volume de registros presentes na ADAPTA é muito grande, e até hoje seus dados são utilizados por pesquisadores do CINDEDI em seus trabalhos.

O banco de dados contém muitos registros, pois no projeto todos que trabalhavam na creche atuaram como pesquisadores, ou registradores, além dos pesquisadores do próprio CINDEDI: “pegamos os diários das educadoras, nós fizemos filmagens diárias na creche, (...) fizemos entrevistas com as educadoras, (...) fizemos entrevistas com um grupo de mães locais”, relata Clotilde em sua entrevista. Além disso, a própria Clotilde relata no livro (op. cit.) que “a equipe técnica e as educadoras das novas turmas atuaram como pesquisadores auxiliares, registrando, no decorrer daquele ano [1994] e no início de 1995, o estado de saúde e o comportamento das crianças frente ao novo ambiente e às várias rotinas”.

Com muito material de pesquisa nas mãos, o desafio do grupo era analisar esse material, que englobava diversos contextos e diversas pessoas ligadas direta ou indiretamente à educação das crianças que estava em processo de adaptação. Conta Clotilde que “foi aí que iniciou a idéia da Rede de Significações, quer dizer, a gente montou primeiro como um sistema dinâmico que vai incorporar os diferentes fatores que influenciam a inserção de bebês em creche”.

Foi a partir desse projeto, então, que foi desenvolvido o projeto temático “Análise do Desenvolvimento Humano Enquanto uma Construção Através de uma Rede Dinâmica de Significados”. E foi, também, a partir dele que iniciou a construção da perspectiva teórico-metodológica da Rede de Significações (*RedSig*), que é o tema dos demais projetos temáticos do grupo, e, conseqüentemente, o principal tema trabalhado pelos pesquisadores do grupo.

A Década de 90 – O início dos Encontros, a promoção da identidade do grupo.

No Brasil: Ângela Barreto e o COEDI, os livros das carinhas (artigo de ALGF), PCNs e Referencial Curricular para a Educação Infantil, a LDB, o aumento na produção literária sobre Educação Infantil;

Os Fazeres e suas repercussões, Outro livro que merece destaque é o livro “Os fazeres na Educação Infantil” que foi elaborado junto com educadores e funcionários da Creche Carochinha. Trata-se de um livro que conta “passagens” do cotidiano da instituição e que são comuns na maioria das instituições de educação infantil, e como lidar com algumas situações corriqueiras da creche. Além disso, o livro traz artigos de pesquisadores do CINDEDI.

Nos Anos 2000 – O trabalho desenvolvido e os planos para o futuro

A RedSig ganha força e muita discussão, os grupos se esforçam para construir essa teoria, e encaixar essa teoria em seus temas de pesquisa.

Retomada de interesse que surgiu na década de 70: o trabalho com orfanatos – a questão da adoção e o grupo que aumentou.

Não é exagero dizer que o CINDEDI tem um reconhecimento internacional. Tal reconhecimento proporcionou ao grupo, no ano de 2003 (confirmar essa data), o intercâmbio de Niina Rutanen, uma finlandesa que ficou no Brasil até ... fazendo parte do CINDEDI. Co-regulation of actions and construction of meanings among young children

Entre os livros publicados pelo CINDEDI (tabela...) encontram-se obras que são resultado de pesquisas de doutorado, e também de pesquisas que envolvem o grupo todo. O mais recente deles é o livro sobre a *RedSig*, que pode ser considerado um dos mais importantes, pois é o resultado (parcial e sempre em construção) das várias pesquisas que o grupo realizou ao longo desses mais de 15 anos, em busca da construção de uma nova teoria do desenvolvimento.

Nas palavras de Jaan Valsiner, no prefácio do livro,

(...) este livro é um marco para a psicologia do desenvolvimento no Brasil – exatamente porque suas implicações transcendem o contexto brasileiro. A *Rede de Significação* é uma idéia nova – cuidadosamente formulada pó seu coletivo de autores com base nas melhores tradições do pensamento sobre desenvolvimento ao longo do século

XX(...). No entanto os autores deste livro transcendem as idéias de seus predecessores e criam uma nova síntese que orienta o campo da ciência do desenvolvimento em nossa época.

Ainda no prefácio do livro, este autor, e importante pesquisador da atualidade, diz que “o trabalho sobre a rede de significações *cria* uma nova perspectiva – que criará sua própria literatura” (grifo do autor).

3.1 Projetos Temáticos

Desde o começo “oficial” do grupo, ou seja, desde que passou a ser oficialmente um grupo de pesquisa, o CINDEDI conta com o apoio de agências de fomento à pesquisa, para realizar suas atividades. Desde a década de 80 são oferecidas bolsas a alunos de graduação e pós-graduação para que possam realizar suas pesquisas sob a orientação de algum membro do grupo. Mas depois de ser consolidado como um grupo de pesquisa, além das bolsas oferecidas aos graduandos e pós-graduandos, as agências de fomento apóiam, também, projetos temáticos do grupo. Desde meados da década de 90, o grupo vem sendo financiado pela FAPESP. Cada projeto dura cerca de 4 anos.

Os projetos temáticos envolvem todos os membros do grupo, que se organizam da seguinte forma: há os pesquisadores principais que são responsáveis por diferentes subgrupos, que abordam diferentes assuntos. Dentro de cada subgrupo, há outros pesquisadores: mestrandos, doutorandos, e alunos de graduação e iniciação científica que fazem parte do subgrupo em que está seu orientador.

A divisão do grupo em subgrupos ocorre por envolver profissionais e estudantes de diversas áreas do conhecimento, e, portanto, por haver várias áreas de interesses dentro do grupo maior. No entanto, apesar das diferenças existentes, esses subgrupos compartilham metodologias de pesquisa, perspectivas teóricas e têm sempre o mesmo foco: a educação infantil e/ou o desenvolvimento humano de um modo geral; afinal, é esse o tema que une

todos os diferentes subgrupos e pesquisadores, e faz com que o CINDEDI seja um grupo de pesquisa.

Ao submeter um projeto à agência que financia o Projeto Temático do CINDEDI, é necessário que haja o maior detalhamento possível sobre o projeto. O número de subgrupos, seus pesquisadores principais, pesquisas ligadas a esses subgrupos, entre outras informações, também devem constar no projeto. Assim, a quantidade de subgrupos é determinada a cada novo projeto, de acordo com as pesquisas que estão sendo desenvolvidas, e está sujeita à aprovação da agência financiadora.

As atualizações em relação aos subgrupos, por exemplo, projetos vinculados a ele, produções ao longo do ano, pesquisadores responsáveis, etc., são informações que constam nos relatórios anuais entregues à agência no primeiro semestre de cada ano. De acordo com o relatório do ano de 2005, há atualmente sete subgrupos coordenados por um ou mais pesquisadores principais do grupo. Alguns desses subgrupos tiveram início em projetos temáticos anteriores, e outros surgiram nesse projeto.

O projeto temático, como o próprio nome já diz, tem um tema principal que é abordado de várias perspectivas diferentes, de acordo com a linha de pesquisa de cada subgrupo. Desde o começo do grupo, o CINDEDI já concluiu três projetos temáticos, e termina no próximo ano, em março de 2007, seu quarto projeto temático.

Tema	Início - Término
Interações Adulto-Criança e Criança-Criança: análise de alguns elementos mediadores do desenvolvimento infantil	90 – 94
Análise do Desenvolvimento Humano Enquanto uma Construção Através de uma Rede Dinâmica de Significados	94 – 98
Significação e Intersubjetividade na Perspectiva da Rede de Significações	98 – 2002
Dialogia e Significação, na Rede de Significações	2002 – 2006

3.2 Encontros



Desenhos das capas dos Cadernos de Resumos do 1º, 3º, 5º e 10º Encontros, respectivamente. Os três primeiros são de Cleido Vasconcelos e o último de Fábio Scorsolini Comin, ambos fizeram ou fazem parte do CINEDEDI.

Os Encontros Científicos do CINEDEDI, que acontecem desde 1996, são reuniões anuais em que as discussões ocorrem em torno das pesquisas desenvolvidas pelos pesquisadores do grupo. A partir de um tema em comum para os subgrupos, são feitas apresentações individuais, ou em grupo, dos pesquisadores que fazem parte do CINEDEDI ou de algum convidado. Ao fim de cada apresentação é feito um debate com debatedores convidados, mas também com a participação das pessoas que estão presentes nas discussões.

Apresentações culturais desenvolvidas por membros do grupo, e apresentação de painéis dos alunos de Iniciação Científica e pós-graduação também fazem parte do programa dos Encontros. Para as apresentações dos painéis, os próprios pesquisadores são chamados como debatedores. No encontro realizado no ano de 2005, foi utilizada uma dinâmica diferente na discussão dos painéis: cada pesquisador era responsável por discutir dois painéis, e os estudantes, que antes só apresentavam painéis, também ficaram responsáveis por debater o trabalho de dois colegas.

Todo ano, a organização do encontro do CINEDEDI mobiliza pesquisadores, estudantes e técnicos que cuidam de tudo para que o evento seja realizado no começo do ano (geralmente no mês de fevereiro). Carta para convidar os pesquisadores de outras cidades, reserva de salas e aparelhos, passagem e hospedagem para os convidados que vêm de longe, “coffee-breaks”, organização do caderno de resumos, certificados para os participantes do encontro, dentre outras coisas são algumas tarefas que ficam a cargo da comissão que organiza os encontros. Terminado o encontro, ainda é preciso fazer as transcrições das fitas de áudio em que são

gravadas as conferências e debates ocorridos no encontro. Além da gravação em áudio, é feita também a gravação em vídeo do que acontece na semana do encontro.

Os encontros anuais são abertos a quem tiver interesse nas pesquisas do grupo, mas é principalmente um espaço para que o grupo troque idéias e conhecimentos, critique e dê sugestões aos trabalhos dos colegas. É um espaço que existe também, como está escrito no caderno de resumos do primeiro dos encontros, para “dar oportunidade aos estudantes de graduação e pós-graduação de conhecerem vários elementos do grupo ao qual pertencem e o que cada um está fazendo. Promover, assim, a identidade do grupo” (Caderno de Resumos, I Encontro do CINDEDI, 1996).

O CINDEDI tem um compromisso com a FAPESP, que apóia e financia o projeto temático “Significação e Dialogia na Perspectiva da Rede de Significações”, e apoiou também três projetos temáticos anteriores. Anualmente, o grupo precisa elaborar um relatório (entregue à FAPESP no primeiro semestre) das atividades que foram realizadas ao longo do ano que passou, dos resultados parciais do temático. Pelas palavras do endereço eletrônico da própria agência (www.fapesp.br): “Deverão ser apresentados Relatórios Científicos anuais que descrevam o andamento do projeto, os resultados e publicações decorrentes e o plano de continuação na mesma linha de trabalho”.

Os encontros do CINDEDI são realizados antes de o relatório ser entregue, pois as discussões que acontecem na presença de grande parte dos pesquisadores envolvidos com o grupo nessas reuniões, mostram mais ou menos um resumo do que o grupo produziu no ano anterior. Portanto, a avaliação feita no último dia da semana do encontro, com a participação de todos os que queiram falar sobre o encontro, serve como um “resumo” do que o grupo produziu e aponta os avanços que o grupo conseguiu ao longo do ano que passou, e que caminhos o grupo deve seguir ao longo de mais um ano.

Muitos avanços importantes e decisivos foram resultados de debates, discussões, conferências, e avaliações dos encontros do CINDEDI. É possível citar, por exemplo, o 7º Encontro, que aconteceu no ano de 2002, ano em que o grupo todo estava envolvido em um grande projeto: o livro sobre a *RedSig*, que seria lançado no ano de 2004 (durante o Encontro do CINDEDI, inclusive). As conferências eram prévias dos capítulos dos livros, e alguns dos debatedores convidados seriam os comentaristas dos capítulos do livro em sua versão impressa. As discussões realizadas naquele encontro foram decisivas para a (re)construção do livro, que é uma das maiores “conquistas” do grupo, já que mostra o resultado de um trabalho que vem sendo feito ao longo muitos anos.

Foram realizados 11 Encontros do CINDEDI, cada um com um tema diferente, realizado de maneiras diferentes, com convidados diferentes.

Ano	Data	Tema	Convidados
1996	7 a 9 de fevereiro	I Encontro Científico do CINDEDI	
1997		II Encontro Científico do CINDEDI	
1998	2 a 6 de fevereiro	Análise do Desenvolvimento Humano Enquanto uma Construção através de uma Rede Dinâmica de Significados	Ana Almeida, Ana Luíza Smolka, Angel Pino, Carmem Craidy e Sandra Sawaya
1999	8 a 12 Ou 15 a 16 de fevereiro	Metodologias de Pesquisa sobre Interação Social e Construção de significados	Adriano Puntel Gosuen, Ana Almeida Carvalho, Ângela Barreto, Ângela Uchoa Branco, Carmem Craidy, Cleido Vasconcelos, Fernando Rossetti, Kátia de Souza Amorim, Mara Campos de Carvalho, Mary Jane Spink, Moysés Kuhlmann Jr., Sérgio Ferreira, Sérgio Mascarenhas, Telma Vitória, Vera Menegon, Zilma Moraes Ramos de Oliveira
2000	14 a 18	Educação Infantil no	Ana Almeida, Carmem Craidy, Isabel

	de fevereiro	Brasil: Contextos em Transformação e Perspectivas de Análise	Pedrosa, Reinaldo Furlan, Rita Coelho e Zilma de Oliveira
2001	12 a 16 de fevereiro		Carmem Craidy
2002	18 a 22 de fevereiro		Ana Almeida, Ana Luiza Smolka, Carmem Craidy, Fernando Rey, Isabel Pedrosa, Marisa Japur, Mary Jane Spink, Reinaldo Furlan e Zilma de Oliveira
2003	10 a 14 de fevereiro	Dialogia, Significação e Subjetividade na Perspectiva da Rede de Significações	Ana Ameida, Adriana Tannus, Carla Guanaes, Clotilde Rossetti Ferreira, Kátia de Souza Amorim, Manoel Antônio dos Santos, Marcelo Goulart, Marisa Japur, Miguel Bairrão, Regina Caldana, Reinado Furlan, Zilma de Olivera
2004	9 a 13 de fevereiro	A <i>RedeSig</i> e a questão: Psicologia: Ciência do Indivíduo?	Ana Almeida, Ana Melo, Ana Paula Soares da Silva, Claudia Fonseca, Isabel Pedrosa, Kátia de Souza Amorim, Lino de Macedo, Mara Campos de Carvalho, Marisa Japur, Reinaldo Furlan e Zilma de Oliveira
2005	14 a 18 de fevereiro	Dialogia, Significação e Subjetividade: Questões Metodológicas a partir da <i>RedeSig</i>	Ana Almeida, Carla Guanaes, Carmem Craidy, Isabel Pedrosa, Sueli de Pauli e Zilma de Oliveira
2006	13 a 17 de fevereiro	Mediação Semiótica e Emergência das Significações no Estudo dos Processos de Desenvolvimento Humano	Ana Almeida, Ana Cecília Bastos, Ana Luíza Smolka, Carmem Craidy, Isabel Pedrosa, José Marcelino de Rezende Pinto, Lúcia Costa, Maria Cecília Góes, Maria Cláudia Oliveira, Sueli de Pauli e Zilma de Oliveira

4. CONFIGURAÇÃO ATUAL DO GRUPO

O CINDEDI é (ou já foi) composto por profissionais e estudantes de diversas áreas do conhecimento: psicólogos, médicos, pedagogos, fonoaudiólogos, biólogos, filósofos... Há os

pesquisadores principais, que são os coordenadores dos subgrupos e os doutorandos, mestrandos e estudantes que fazem Iniciação Científica e que são orientados por esses pesquisadores principais.

Recentemente houve um crescimento do grupo com a chegada de novos estudantes de IC, e alguns recém-doutores e doutorandos assumiram orientações de pesquisas desses novos estudantes. Atualmente, de acordo com a página do grupo no Diretório dos Grupos de Pesquisa no Brasil, há no CINDEDI 10 pesquisadores principais e mais de 40 estudantes ligados a esses pesquisadores, sejam eles estudantes de graduação ou de pós-graduação.

Além destes membros “oficiais”, há também os colaboradores do grupo, geralmente professores e pesquisadores de outras instituições, de outros lugares, que já fizeram parte do grupo ou não, e que compartilham idéias, metodologias, conhecimentos e fazem uma troca com o grupo, contribuindo, assim, com as pesquisas do CINDEDI e também com suas próprias pesquisas e grupos de pesquisa.

Há ainda dois técnicos, Alda Prado Roma e Ronie Charles Ferreira de Andrade que compõem a “equipe” do CINDEDI. O trabalho deles é fundamental para o funcionamento do grupo: ajudam nos eventos, organizam e cuidam dos materiais de apoio às pesquisas, e também dos arquivos e registros do grupo, ficam por conta de resolver assuntos burocráticos, repassar informações importantes, dentre várias outras coisas.

4.1 Colaboradores

Além da parceria que tem com a creche do campus, instituição que ajudou a criar, o grupo também tem uma parceria com a rede municipal de Ribeirão Preto. Não uma parceria burocrática com acordo firmado ou algo parecido, mas uma parceria no sentido de colaborador. Sem essas colaborações, muitos dos trabalhos já realizados pelo grupo, não poderiam ter sido feitos. Foram essas “parcerias” que permitiram que o CINDEDI construísse

um canal direto com as instituições de educação infantil e seus educadores, não deixando que suas pesquisas ficassem apenas no meio acadêmico.

Há também, outro tipo de colaboração que foi (e continua sendo) muito importante para o desenvolvimento dos trabalhos e pesquisas do grupo. É a colaboração das agências de fomento, como o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), a FAPESP e a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), por exemplo, que apóiam e apoiaram muitas das pesquisas, seja por meio de bolsas de iniciação científica, de mestrado e doutorado, ou por meio de apoio financeiro aos projetos temáticos já desenvolvidos e em andamento que o CINDEDI possui.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS E EXPECTATIVAS DO E PARA O GRUPO

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AMADO, J. e FERREIRA, M.M. Apresentação IN: AMADO, J. e FERREIRA, M.M. (org.) **Usos e Abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1998.
- ARCE, A. **Friedrich Froebel**: o pedagogo dos jardins de infância. 1º. ed. Petrópolis - RJ: Vozes, 2002. v. 01. 117 p.
- BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**, 1988.
- BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional** Lei 9.394/96
- BUENO, P.M.S., **A essência da Universidade**: um estudo sobre a vida e a obra de Miguel Rolando Covian. Dissertação de Mestrado. Ribeirão Preto – SP, 2005.
- CAMPOS-DE-CARVALHO, M.I. **Comportamento de Crianças Pequenas em Creche e Arranjo Espacial**. Temas em Psicologia 6, 1998, p. 125-133.

- CAMPOS-DE-CARVALHO, M.I. e ROSSETTI-FERREIRA, M.C. **Importance of Spacial Arrangements for Young Children in Day Care Centers.** Children's Environments 10, 1993, p. 19-30.

- ENCONTRO DO CINDEDI, 1, 1996, Ribeirão Preto – SP. **Caderno de resumos.**

- ENCONTRO DO CINDEDI, 10, 2005, Ribeirão Preto – SP. **Caderno de resumos.** 7-13.

- Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, A Faculdade, Histórico. Disponível em: <<http://www.ffclrp.usp.br>>. Acesso em: 1º out. 2006.

- Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo, Formas de Apoio. Disponível em: <[http://www.fapesp.br/materia.php?data\[id_materia\]=1921](http://www.fapesp.br/materia.php?data[id_materia]=1921)>. Acesso em: 18 out. 2005.

- JOBIM E SOUZA, S. (org.) *Subjetividade em questão: a infância como crítica da cultura.* Rio de Janeiro: Sete Letras, 2000.

- KUHLMANN JUNIOR, M **Infância e Educação Infantil:** uma abordagem histórica. Porto Alegre: Mediação, 1998.

- ROSSETTI-FERREIRA, M.C. **A Pesquisa na Universidade e a Educação da Criança Pequena.** Caderno de Pesquisa, São Paulo, v.67, p. 59-63, nov. 1988.

- ROSSETTI-FERREIRA, M.C. Apresentação. IN: ROSSETTI-FERREIRA, M.C. et. al. (org.) **Os Fazeres na Educação Infantil.** 5 ed. São Paulo: Cortez, 2002. p. 9-10.

- ROSSETTI-FERREIRA, M.C. **Current Activities of the Brazilian Research Center on Early Child Development and Education.** ISSBD NEWSLETTER, n. 2, p. 3-4, 1992.

- ROSSETTI-FERREIRA, M.C. Seguindo a Receita do Poeta Tecemos a *Rede de Significações* e Este Livro. IN: ROSSETTI-FERREIRA, M.C. et al. (Org.) **Rede de Significações e o estudo do desenvolvimento humano.** Porto Alegre: Artmed, 2004. (introdução), p.15-19.

- SPINK, P. Análise de documentos de domínio público. IN: SPINK, M.J. (org.) **Práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano: aproximações teóricas e metodológicas**. São Paulo: Cortez, 1999. Cap.V 123-151.

- UNESCO. **Directorio de organizaciones de atención y educación para la primera infancia en América Latina y el Caribe**. United Nation Educational, Paris: Unesco, 1996. Disponível em: < <http://unesdoc.unesco.org/images/0011/001127/112750sb.pdf>>. Acesso em: 17 out. 2006.

- VALSINER, J. Onde a realidade prevalece: uma nova síntese teórica para a ciência do desenvolvimento. IN: ROSSETTI-FERREIRA, M.C. et al. (Org.) **Rede de Significações e o estudo do desenvolvimento humano**. Porto Alegre: Artmed, 2004. (prefácio)

- VITÓRIA, T. **As relações creche e família**. PERSPECTIVA. Florianópolis, v.17, n. Especial, p.23-47, jul - dez, 1999.

- VITÓRIA, T. e ROSSETTI-FERREIRA, M.C. **Processos de adaptação na creche**. Cadernos de Pesquisa, São Paulo, n.86, p.55-64, ago.1993.